

PROFETAS VERDADEIROS E FALSOS EM 1 REIS:22

Autor(es): Dean A. Walker
Fonte: *The Biblical World*, Vol. 20, N.º 4 (out., 1902), pp. 272-277
Publicado por: The University of Chicago Press
URL estável: http://www.jstor.org/stable/3137398
Acessado: 16/05/2014 10:43
Tradução: Gabriel Cantarino.

O uso do arquivo JSTOR indica sua aceitação dos Termos e Condições de Uso, disponíveis em http://www.jstor.org/page/info/about/policies/terms.jsp

O JSTOR é um serviço sem fins lucrativos que ajuda acadêmicos, pesquisadores e estudantes a descobrir, usar e construir sobre uma ampla gama de conteúdo em um arquivo digital confiável. Utilizamos tecnologia da informação e ferramentas para aumentar a produtividade e facilitar novas formas de pesquisa acadêmica. Para mais informações sobre o JSTOR, entre em contato com support@jstor.org.

PROFETAS VERDADEIROS E FALSOS EM 1 REIS, CAPÍTULO 22

Por Rev. Dean A. Walker, Ph.D.
South West Harbor, Me.

Os termos "verdadeiro" e "falso", quando aplicados aos profetas do Antigo Testamento, servem para distinguir aqueles que a Bíblia aprova daqueles que ela não aprova. No entanto, poucos, talvez, dentre os que usam esses termos nesse sentido geral, tenham considerado a questão de em que consiste a veracidade de uma classe e a falsidade da outra. Para muitos, a resposta mais imediata seria que os falsos profetas eram aqueles cujas previsões não se cumpriam. Outros diriam que os falsos profetas eram aqueles que não haviam sido comissionados por Deus para falar em seu nome. Outros ainda fariam a distinção dizendo que os verdadeiros profetas procuravam ensinar ao povo a verdade, ao passo que os falsos profetas procuravam deliberadamente enganá-lo.

Para o povo dos tempos do Antigo Testamento, essa não era uma questão de mero interesse acadêmico, mas de importância vital; pois esses profetas eram seus contemporâneos, a quem eles precisavam recorrer para orientação prática em assuntos políticos e espirituais. Eles não podiam, como alguns defensores da inspiração pretendem fazer hoje em dia, aceitar um "assim diz o Senhor" como critério suficiente do verdadeiro profeta, porque sabiam que todo pretendente ao ofício profético naqueles tempos usava essa mesma fórmula introdutória (1 Reis 22:11; Jr 23:30-40), e que reis moabitas e assírios estavam tão dispostos a ouvir um chamado divino em suas próprias inclinações patrióticas e pessoais quanto qualquer rei ou profeta hebreu.

Não é de admirar, portanto, que encontremos na Bíblia mais de uma tentativa de fornecer ao povo algum teste pelo qual pudessem distinguir o verdadeiro profeta do falso. Lemos em Deuteronômio 18:21-22: "E, se disseres no teu coração: Como conheceremos a palavra que o Senhor não falou? Quando o profeta falar em nome do Senhor, e tal palavra se não cumprir, nem suceder assim, esta é a palavra que o Senhor não falou; com soberba a falou o profeta; não tenhas medo dele". Evidentemente, tal critério é, na melhor das hipóteses, apenas negativo, e só se aplica quando um profeta está disposto a apostar sua reputação no cumprimento de uma previsão definida. Além disso, se a previsão for ambígua ou seu cumprimento for adiado para um futuro distante, ela é de pouca utilidade para um homem que precisa saber qual é seu dever imediato. A fórmula também implica, embora não com absoluta necessidade, o inverso — que, se a coisa se cumprir, o vaticinador pode então ser considerado um verdadeiro profeta. Mas, obviamente, um impostor dificilmente deixaria de acertar em algum de seus palpites astutos.

O próprio Deuteronomista percebeu isso e sentiu a necessidade de uma limitação adicional ao critério. Assim, em 13:1-3, ele apresenta esta regra adicional: "Se se levantar no meio de ti profeta, ou sonhador de sonhos, e te der sinal ou prodígio, e suceder o sinal ou prodígio de que te falou, dizendo: Vamos após deuses alheios, que não conheceste, e sirvamo-los; não ouvirás as

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

palavras daquele profeta, ou daquele sonhador de sonhos". Ao antigo critério da clarividência acrescenta-se aqui um critério ético. O caráter e o propósito do pretenso profeta devem ser examinados em sua relação com certos princípios últimos da lei divina. Se esses princípios já estivessem consignados por escrito, teríamos aqui algo muito semelhante ao apelo que os reformadores protestantes fizeram do papa e dos concílios às Escrituras; e, em sua veemência, isso só é superado pela exigência de Paulo de que, ainda que ele mesmo ou um anjo do céu pregasse outro evangelho diferente daquele que já havia pregado, fosse ele anátema (Gl 1:8). Para a mente comum, tal apelo do Paulo futuro ao Paulo passado seria bastante confuso; e para o homem dos tempos do Antigo Testamento, se refletisse que a lei fora dada por Moisés, poderia ter sido igualmente difícil escolher entre um profeta há muito falecido e outro que naquele momento fazia previsões cumpridas diante de seus próprios olhos.

É evidente, porém, que, ao substituir o mero sucesso na previsão e na realização de milagres por um critério ético, o Deuteronomista atingiu um patamar mais elevado, e uma lei consagrada pelo tempo pode razoavelmente exigir maior respeito do que as pretensões de algum profeta advindo do nada. Poderes superiores para a realização de prodígios eram valiosos, na Antiguidade, como credenciais introdutórias. O próprio Jesus não se recusou a valer-se deles. Mas um propósito moral reto era condição *sine qua non* do verdadeiro profeta.

Não obstante, mesmo um propósito moral reto não constitui, por si só, um homem em verdadeiro profeta. Além disso, é necessário que ele esteja correto nas grandes premissas subjacentes às suas profecias, e é pela correção dessas premissas que sua obra deve, em última instância, subsistir ou ruir.

Não há texto melhor para o estudo de tais premissas e propósitos, na Bíblia, do que o capítulo (1Rs:22) em que os chamados falsos profetas encorajaram Acabe a marchar contra Ramote-Gileade. Julgados pelo resultado da campanha, eles foram certamente falsos profetas e, pelo mesmo critério, Micaías, filho de Inlá, foi um verdadeiro profeta. Mas dificilmente seria justo deixar que Micaías passasse à história como verdadeiro profeta, e condenar todos os outros quatrocentos como falsos, apenas com base em sua postura no único episódio em que os conhecemos. Por que não poderia ter sido, da parte de Micaías, um acerto pontual? Que razão temos para supor que ele fosse igualmente bem-sucedido em todas as suas tentativas de prever o futuro? Tudo o mais que sabemos a respeito dele é o que temos pelo testemunho do próprio Acabe (v. 8), de que Micaías sempre fora, como o proverbial irlandês, "contra o governo". Como membro do partido "da oposição", ele deve ter, com frequência, como Acabe insinua, respondido aos planos do rei com profecias de mal. Contudo, Acabe, ao longo de seu reinado, havia sido, do ponto de vista político, o que chamaríamos de um homem bem-sucedido. Unira-se por aliança matrimonial ao rei de Sidom; e, pelo casamento de sua filha com o filho de Josafá, havia posto fim às guerras entre Judá e Israel, que dinastias anteriores haviam mantido acesas desde a divisão do reino; e, a despeito da oposição e das maldições de certos profetas de Jeová, parecia caminhar de modo

favorável para assegurar uma reunificação dos dois reinos sob um descendente tanto de Davi quanto de Onri (2Rs 8:18).

Ele havia sido derrotado pelos assírios em Carcar, é verdade, mas — o que para ele era de muito maior importância — havia sido uniformemente bem-sucedido contra seu inimigo mais próximo, Ben-Hadade da Síria, e conseguia exigir o tributo de Moabe. Parece, pois, que as previsões de Micaías devem ter sido, com frequência, bem distantes do alvo, e as dos quatrocentos, bem-sucedidas. Além disso, a massa do povo era tão subserviente a Acabe que este pudera transgredir impunemente as leis ancestrais da herança de terras.

Quais, então, eram os fundamentos sobre os quais os quatrocentos se aventuraram a prever o sucesso em Ramote-Gileade? Podemos razoavelmente crer que fossem os seguintes:

1. Havia alguns cujo princípio, ao prever, era dizer a coisa agradável sempre que houvesse uma chance igual de que ela se comprovasse correta.
2. Havia aqueles cujo princípio era profetizar conforme o caminho que parecesse render mais em conveniência física. Não tinham nenhuma inclinação por um calabouço e uma dieta de pão e água.
3. Havia aqueles que sempre faziam questão de estar do lado da maioria. Neste caso, talvez por razões que consideraremos mais adiante, a maioria era esmagadoramente favorável à guerra.
4. Alguns, que de outro modo teriam condenado o empreendimento, vendo que uma ampla maioria era favorável a ele, e movidos pelo que muitas vezes se considera um louvável desejo de harmonia, votaram "para torná-lo unânime" (v. 13). As classes de homens acima descritas não têm pretensão alguma de serem chamadas de verdadeiros profetas.
5. Havia alguns que, no íntimo, talvez duvidassem da conveniência do plano, mas viram que Acabe estava decidido a partir de qualquer maneira e, acreditando que a coragem é metade da batalha, fizeram o que podiam para lhe dar essa vantagem inicial. Eram os oportunistas. Estes chegavam mais perto de ser verdadeiros profetas. Tinham boas intenções e procuravam fazer o melhor possível diante da situação.
6. Havia aqueles que favoreciam a campanha por um senso de justiça. Como resultado da última guerra, Ben-Hadade havia prometido devolver a Acabe as cidades que seu pai tomara do pai de Acabe (1Rs 20:34). Ramote-Gileade era uma delas. Mas já haviam se passado três anos (22:1), e Ben-Hadade ainda não cumprira esse item do tratado. Era chegado o momento de recorrer a medidas coercitivas. Os que concordavam com o rei nesse ponto eram os idealistas. Que se faça justiça, ainda que os céus caiam.

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

7. Por fim, havia os teólogos filosóficos, que constituíam o núcleo responsável dos quatrocentos. Eram guiados, em seus prognósticos sobre o futuro, por certos grandes princípios da providência divina, tal como os entendiam, os quais constituíam sua filosofia de vida. Chefe entre esses princípios estava um que figura de modo proeminente no pensamento veterotestamentário: a crença de que a retidão tem sua recompensa em prosperidade material e temporal, com seu corolário natural de que a prosperidade material é evidência do favor divino. Acabe, como já observamos, fora um homem bem-sucedido. Segundo essa filosofia, portanto, ele era um filho favorito da fortuna, e não havia razão para supor que o favor divino estivesse agora prestes a lhe ser retirado. "Nada tem tanto êxito quanto o próprio êxito", é o modo moderno de dizê-lo. Acabe não podia deixar de ser bem-sucedido. Que subisse, pois, a Ramote-Gileade e prosperasse.

Esses eram alguns dos fundamentos sobre os quais os quatrocentos favoreciam o propósito do rei. E eram falsos profetas — não porque tivessem intencionalmente aconselhado o rei contrariamente aos seus melhores interesses, nem porque afirmassem falsamente ser inspirados por Deus, pois a própria narrativa os considera, em certo sentido, seus agentes no episódio; nem porque o desfecho tenha sido diferente do que previram. Mas eram falsos profetas porque os fundamentos sobre os quais fizeram suas previsões eram falsos.

Por que, por outro lado, deveríamos chamar Micaías de verdadeiro profeta? Não porque esta, dentre suas muitas previsões, se tenha cumprido, nem porque foi o único a prefaciar suas palavras com um "assim diz o Senhor", nem porque fosse mais sincero em sua convicção quanto a qual seria o desfecho. Foi, antes, porque ele se apossara de um princípio mais correto e fundamental do governo divino do que os demais, a saber, que, não obstante todas as aparências em contrário, um Deus justo não pode, a longo prazo, favorecer um homem perverso — e tal homem Micaías cria que Acabe era. Com base nesse princípio, ele havia consistentemente predito o mal para Acabe ao longo de toda a sua carreira. Não sabemos com que frequência essas previsões possam ter sido, antes disso, derrotadas em casos específicos. Já mostramos que Acabe se via, em certa medida, justificado por seus êxitos passados ao desacreditar os agouros de mal proferidos por Micaías. Mas, a longo prazo, o princípio de Micaías — de que um Deus justo não pode favorecer um homem perverso — situa-se na mesma classe da máxima de Sócrates, de que "nenhum mal pode acontecer a um homem bom, quer esteja vivo, quer morto". Estes são princípios eternos do governo divino, e aquele que profetiza segundo tais princípios é um verdadeiro profeta, por mais remoto ou infrequente que seja o cumprimento de suas previsões específicas.

Épocas diversas e diferentes ordens sociais tiveram seus vários princípios de profecia. A mesma meia-verdade — de que a prosperidade temporal indica o favor de Deus —, que levou Acabe à sua morte em Ramote-Gileade, foi o fundamento daquele fatal entusiasmo, sob Jeroboão II, por um grande dia de Jeová que estaria por vir, o qual o profeta Amós, com previsão mais

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.

acertada, declarou que seria um dia de trevas, e não de luz. O princípio operante de Napoleão era que Deus está do lado dos batalhões mais numerosos, mas os batalhões mais numerosos depararam-se inesperadamente com um profundo desfiladeiro no campo de Waterloo, e Deus se revelou estar do outro lado. O papista crê na infalibilidade dos concílios; o monarquista sustenta o direito divino dos reis e que o rei não pode errar; o democrata interpreta a voz do povo como a voz de Deus.

Os profetas em nosso meio, hoje, estão frequentemente divididos em nossas grandes questões políticas e sociais; alguns buscam a liderança por motivos insinceros e egoístas, mas muitos, de ambos os lados, procuram honestamente promover a retidão. Só o tempo poderá mostrar quais destes últimos são os verdadeiros profetas; pois, embora o verdadeiro profeta deva pregar o que crê ser a verdade, sem se deixar influenciar por quaisquer considerações sobre o que agradará a outros ou lhe trará proveito próprio, e deva não aceitar a consciência de nenhum homem como substituta da sua própria, e deva estar disposto a viver a pão e água como testemunho de sua sinceridade — acima e além de tudo isso, ele precisa ter se apossado dos princípios eternos do governo divino, e verdades inteiras, não meias-verdades, devem constituir a base de sua pregação.

THE PROPHETIC VOICES

The Prophetic Voices está colaborando para traduzir, preservar e expandir o acesso a artigos teológicos-acadêmicos relacionados ao profetismo bíblico.